

## Edição de José Luís Cabaço

Graduado em Sociologia pela Universidade de Trento (1971), no pós-independência foi Ministro dos Transportes e Comunicação (1975-1980) e foi nomeado como principal pessoa de ligação entre Moçambique e Itália. Foi Ministro da Informação (1980-1986) e teve papel na construção da TV Experimental e do Centro de Formação Fotográfica com ajuda da Itália. Teve relações de amizade com algumas figuras tais como Mário Raffaelli, Giulio Andreotti, etc. Em 1994 foi Oficial de Informação Pública da ONUMOZ.

### **P: Quem é José Luís Cabaço?**

**JLC:** Eu nasci em Moçambique, sou filho de Pais nascidos em Moçambique, descendente de quatro famílias portuguesas cujos filhos viajaram a Moçambique solteiros e cá se conheceram. Os meus avôs e avós conheceram-se em Moçambique e casaram-se. Faço parte da terceira geração deste processo, tenho filhos e netos. Eu venho de uma família de colonos não abastados, meu pai era funcionário administrativo, vivi até sete anos no interior de Moçambique, longe das cidades e depois vim para Maputo, para casa dos meus parentes que estavam em Maputo. Fiquei em casa de tios até completar o Liceu. Todos anos ia de férias ver os meus pais naturalmente, basicamente a minha vida foi feita aqui na Capital. Foi uma vida duma criança branca “normal” naquele período, foi um processo longo. Eu tive a possibilidade de ver muitas coisas difíceis e complicadas no interior, a brutalidade do sistema colonial. Vindo a Maputo, percebi que essa brutalidade não era exclusiva do interior pois era uma característica do sistema colonial. Por um sentido de justiça que certamente fazia parte da educação cristã que os meus pais me deram, estava desvinculado das questões diretamente estruturais do sistema colonial e eu fui indignado com isso, passei a assumir e a adquirir uma perspectiva crítica daquilo que me rodeava. Nos últimos anos do Liceu, quis fazer parte dum grupo de jovens na sua

maioria brancos que se juntavam para criticar e para analisar o fenómeno colonial e assim, terminei o meu ensino secundário. Após os estudos secundários, naquela altura ou íamos para África do Sul ou para Portugal para continuar estudos superiores. Eu fui para Portugal, em Coimbra em [19]59 onde estive de [19]59 até meados de [19]61 e ali, encontrei muitos estudantes das colónias com um movimento estudantil rico, complexo e com debate político muito avançado. Os angolanos eram os mais activos e de certa forma, os cabo-verdianos também.

Me enturmei com os angolanos, tive uma experiência muito rica onde acompanhamos de perto o problema do Congo e foi uma coisa muito interessante. O problema do Congo dividiu os estudantes provenientes das colónias em dois grupos: um grupo ficou com Moisés Tshombe e o outro ficou com Lumumba e seus sucessores. E é muito interessante porque esta cisão que se deu na abordagem do problema do Congo acabou por dividir os estudantes entre aqueles que tinham opções neocolonialistas. No entanto essa situação acabou reforçando a resistência anticolonial no ambiente estudantil. Também houve outros dois processos interessantíssimos que mobilizaram muitas pessoas: (i) a guerra da Argélia que estava muito próximo da gente e se identificava com ela e (ii) a revolução cubana que tinha um romantismo que dialogava com o nosso pensamento de pequeno-burguês radical e aventureiro. Esses factores nortearam bastante aquilo que foi o princípio da politização da minha geração e depois naturalmente, quando as guerras se iniciaram e a realidade da luta de libertação se impôs, maturaram de forma diferente. Essas referências inspiraram este movimento de rejeição e de identificação com os oprimidos, os colonizados, os injustiçados e assim nos encaminhamos para esquerda. Depois deixei de estudar e fui cumprir o serviço militar no exército português, este também foi um processo de politização muito bom porque nós conversávamos com jovens estudantes vindos de Portugal que eram alfeires e oficiais milicianos do exército.

E todo esse processo e as próprias notícias que recebíamos da dinâmica da guerra nos ajudou muito a consolidar. Quando terminei meu serviço militar, arranjei um emprego e rapidamente tive um dinheiro. Com esse dinheiro, fui para Europa procurando contactos

com a FRELIMO que naquele momento era muito difícil conseguir esses contactos directamente em Moçambique, principalmente depois da prisão da quinta região. Então foi através de Itália depois de ter estado em Trento quando consegui finalmente uma ligação como militante da FRELIMO e daí, a entrevista com Marcelino dos Santos em Setembro de [19]67. Depois recebi as primeiras missões. Fiz a minha militância na FRELIMO, meu trabalho consistiu na recolha de informação e passagem dessa informação para direcção e depois fui um pouco surpreendido quando no Governo de Transição em Dar-es-Salaam me informaram que iria ser Secretário de Estado de Trabalho. Com essa nomeação, tive de deixar de trabalhar no jornal Notícias. A partir daí, fui Ministro dos Transportes, fui Ministro da Informação, no III Congresso fui eleito membro do Comité Central e a partir do IV Congresso fui eleito para o secretariado onde estive até 1990.

**P: Qual foi o contexto em que manteve o primeiro contacto com a Itália e como era a vida para um Moçambicano vivendo em Trento?**

**JLC:** Na realidade quando eu saí de Moçambique para Europa, afim de manter contactos com a FRELIMO e obviamente estudar, o meu destino foi Alemanha e não Itália. Eu me interessava muito por Sociologia naquela altura embora não tivesse uma formação sociológica, lia os livros que me apareceram sobre Sociologia e vivia com aquela admiração muito grande com a Escola de Frankfurt. E pensava *“bom vou para Alemanha e frequentar a Escola de Frankfurt fazer Sociologia na Escola de Frankfurt”*. Simplesmente eu já tinha 25 anos quando eu parti e tinha dinheiro que cabia para quatro anos e meio praticamente, talvez com umas poupanças podia dar para cinco anos. E então, fui para Alemanha e lá era muito difícil pois tinha que aprender alemão, a história de Alemanha e fazer um exame de admissão a Universidade. Eu entraria nessa Universidade se tudo corresse bem, então eu disse *“bom vai acabar dinheiro enquanto ainda não entrei na Universidade, ainda estou aqui a tentar resolver este problema”*. E para além disso, tinha outro aspecto, comia-se mal na Alemanha e eu, ao fim de uma semana que estive em Frankfurt,

só comi Salsichas e Batatas. Eu disse *“isto não é vida para mim”*, a questão principal é que ali me informaram com um moçambicano, José Cabral que tinha sido meu colega no Liceu, era um biólogo formado na Itália e trabalhava em Anova naquela altura. Eu fui a Anova falar com ele e ele me disse *“olha, se Frankfurt é difícil para ti, abriu-se uma Faculdade a 02 anos, a primeira Faculdade de Ciências Sociais de Itália em Trento. Porquê não vai lá ver? Tentar por ali, é mais fácil. Certamente a Universidade estava interessada em ter estudantes estrangeiros e isso vai facilitar”*.

Daí que no dia 02 de Dezembro de [19]66, peguei um avião em Frankfurt e voei para Milão. Cheguei em Milão e não falava nenhuma palavra em italiano nessa altura, a não ser o que eu ouvia nos filmes. Meti-me no comboio e fui para Trento com uma mala pesada, foi uma aventura daquelas que a gente faz quando tem 20 anos. José Cabral tinha me dado indicação de um hotel conhecido como Alberto Bologna e eu cheguei a estação carregando a mala, estava ali um Táxi. Eu disse que queria que me levasse a Alberto Bologna, ele olhou para mim e disse *“já estive em Trento antes?”*. Respondi *“não, estou a chegar neste momento”* e ele disse *“está bem, entra aí”*. O taxista fez 300 metros e despejou-me no hotel Alberto Bologna e disse *“prontos, é aqui! Vi que você tinha uma mala muito pesada e ia se cansar muito para chegar no hotel”*. Entrei no hotel, fui logo para Universidade porque ficava perto do hotel e ali já meti conversa com alguns estudantes. Tive a sorte de encontrar um estudante que era dirigente do núcleo estudantil da Universidade. O qual me acompanhou logo ao Director-Administrativo e me pôs em contacto com ele poucas horas depois de eu ter chegado a Itália. Ele me disse *“olha, tens que ter estes documentos, depois apareça cá antes do fim do ano, até ao dia 31 de Dezembro, é o limite para te inscreveres”*. Então eu corri e tratei de tudo, escrevi para Coimbra e Lourenço Marques (Maputo) e foram chegando os documentos. Foi assim que me inscrevi a tempo e sendo estrangeiro, eu estava dispensado de pagar propinas. Havia três estudantes estrangeiros na Universidade, um peruano do qual eu fiquei bastante amigo, um da Costa de Marfim e eu. Éramos três estrangeiros e mais tarde chegou mais um moçambicano que ficou grande amigo também e que continua até aos dias de hoje vivendo na Itália. Ele era padre, depois

acabou por deixar Sociologia e foi fazer Medicina. Devido ao meu orçamento limitado, me enturmei com outros estudantes que tinham uma República. Ficava por detrás do hotel onde eu ficava, estive três meses a dormir num saco de dormir.

Depois comprei um colchão e uma caminha e fiquei lá na República todo tempo até me casar mais tarde. Eu pus-me a estudar italiano duma forma mais empírica possível que foi lendo quadrinhos de Pato Donald da *Disney* que era destinado a crianças e também lendo jornais sempre que podia. Através dos meus bons ouvidos, fui captando o sotaque italiano e desenvolvendo minha integração, a vida era simples devido ao convívio com os estudantes. Havia grande debate no mundo estudantil que estava a fervilhar aquilo que viria a ser depois a contestação estudantil de [19]77/78. Entretanto, fui sempre tentando um contacto com a FRELIMO, lembrei-me dum grande amigo meu com quem eu tinha ido a Portugal, o José Júlio. Fomos os dois para fazer desporto em Portugal, ele foi um jogador importante da equipe da Universidade e eu também ia para jogar futebol, mas desisti. Eu sabia que, o José Júlio sabia estava na Universidade em Moscovo e eu não sabia mais nada, enviei uma carta para ele na Universidade de Moscovo achando que não receberia. Passados dois meses, recebi uma carta dele me informando que já não estava na Universidade porque os companheiros soviéticos controlavam bem a rapaziada. Lá tinham o sistema de ficheiros que através dele, ele recebeu minha carta e me deu os primeiros contactos. Foi uma alegria em estabelecermos contacto depois de 07 anos que a gente não se via e não falava. Depois disso, ele conseguiu estabelecer contactos com os companheiros a dizer sobre a minha disponibilidade e encaminhou meu pedido. Em Agosto de [19]67 recebi o único telegrama em todos anos que estive na Itália. O telegrama dizia o seguinte: *“encontro no dia 16 de Setembro às 04 da tarde no aeroporto de Roma para conversarmos, assinado: Marcelino dos Santos”* que na altura era Vice-presidente da FRELIMO. Fiquei muito emocionado.

Preparei-me para viagem e deixei a República, não tinha mínima ideia do que ia encontrar. No dia do encontro, Marcelino falou comigo e fez uma longa entrevista mesmo no Aeroporto de Roma depois mandou-me para casa. Ele disse-me *“agora vais para casa,*

*não te metas em Política, vais estudar, acabar o curso mais rapidamente possível e não estragues o teu passaporte português*". Eu disse bom "*meu pai que era reaccionário teria dito a mesma coisa (risos)*". Ele continuou dizendo, "*não te metas em Política. O partido Comunista Italiano tem uma senhora a nossa companheira, Dina Forti, que é encarregada dos contactos dos movimentos de libertação, estás proibido de entrar em contacto com ela, ela não sabe da sua existência, mantenha-te completamente fora*". Eu não fui completamente fiel a estas recomendações porque eu depois estabeleci contactos com outras personalidades políticas italianas que se interessavam por África e por Moçambique. Trabalhei limitadamente pouco com eles, mas fiquei lá até terminar meu curso e voltei a Moçambique. Em Abril de 1968 houve a Conferência Internacional de Solidariedade com Vietname em Berlim e meus colegas pediram que uma das minhas colegas e eu, fossemos em representação da Universidade em Berlim. Eu não sabia o que significava ir para Berlim, tínhamos que atravessar a República Democrática Alemã, e eu tinha que manter o passaporte em boas condições e sem carimbos. Eu cheguei lá e disse "*não quero carimbo, eu sou um Freedom Fighter de Moçambique*". Os funcionários não deram noção disso e POOOO (gesticulando com a mão o sinal de carimbo), a burocracia é infalível, meteram-me o carimbo enorme do tamanho da folha do passaporte, coisa horrível.

Na conferência estava o Sartre, **Peter Vaisse**, **Dani Calita**, toda grande intelectualidade de esquerda da Europa estava presente naquela reunião, não falei com eles mas vi-os todos de perto a 05 metros de distância, ouvi os a falar, foram três dias extraordinários. Estavam lá estudantes franceses e vi também o **Der Dutcher** que era um alemão, **Paul Bendi**, etc. na Itália havia a uma de estudantes que não participei nela directamente mas apoiava de fora. Não me envolvi porque tinha as instruções do meu partido que diziam que eu não podia envolver naquela política. Participei de fora entregando de vez em quando pães, sandes e outros itens porque era uma base de solidariedade entre estudantes e não oficialmente uma militância do movimento estudantil. Além do mais, a polícia de Trento me informou que se eu me envolvesse na política, eles me retirariam a autorização de residência. Então eu não podia de maneira nenhuma fazer isso.

**P: Que italianos manteve contacto durante esse período?**

**JLC:** Eu não tive uma relação funcional e formal com as pessoas pois não estava credenciado e nem autorizado pelo meu partido, daí que os contactos que mantive, fiz na qualidade de estudante moçambicano anticolonialista e não como representante da FRELIMO. Fui conhecendo gente interessante, mas não podia aproximar-me do Partido Comunista Italiano porque tinha instruções rigorosas para não denunciar a minha presença lá. Na Universidade conheci estudantes que frequentavam tertúlias do Partido Socialista Italiano e do Partido Socialista de Base Proletária. No entanto, não fui de participar muito nas reuniões do Partido Comunista Italiano porque eu sabia que o partido era muito organizado e se eu participasse numa reunião lá, o meu nome iria circular nos relatórios, etc. Nesse período conheci o Secretário da Juventude do Partido Socialista Italiano em Trento, era um jovem militante chamado Mário Raffaelli que mais tarde foi Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros da Itália e ficou um grande amigo até hoje.

Também conheci uma senhora muito militante do Partido Socialista chamada **Joice Lusso** que foi um personagem muito interessante da vida intelectual e da vida política italiana. Ela trabalhou na resistência e tinha uma qualificação militar. Ela era casada com um dos grandes líderes da resistência, o **Emílio Lusso**, um personagem que eu admirava. A **Joice** tinha criado uma organização chamada **Armar**, uma associação para apoio e contacto com os movimentos de Libertação Africana. Tinha também o **Mário Albano** que era um secretário-executivo da minha idade e militante formado em História e com o tempo ele escreveu livros, etc. Fiz uma amizade com eles e visitei a casa da **Joice** em Roma, fui a Fermo, cidade em que seu marido nasceu. A **Joice** era muito activa e fazia muita militância, muitas exposições, conferências, etc. O Mário Albano convidou-me para três conferências e disse que não queria ser identificado como sendo da FRELIMO, mas sim como estudante moçambicano e participei nessas conferências. Não conheci pessoalmente o **Geovanni Pireli** que com a Joice era um dos grandes personagens da

militância. Depois tive outros amigos de Trento, gente que tinha estado em Tanzânia com a FRELIMO, estou a falar de **Geovanni Arrigui** que tinha sido professor em Tanzânia e voltou para ser professor da Faculdade de Sociologia em Trento. Ficamos amigos e inclusive, veio a Moçambique e esteve em minha casa depois da Independência.

Tinha o **Marco Battisti** que fez um livro em 1967 sobre a FRELIMO, era livro de referência naquela altura, teve inclusivamente uma premonição de análise em que a FRELIMO que era um movimento menos radical. Havia três movimentos: (i) um de Amílcar Cabral, (ii) o MPLA, os considerados marxistas e (iii) a FRELIMO. Para Battisti, a FRELIMO era uma coisa mais ambígua pois a sua premonição revelava que seria um movimento mais radical de todos três porque nos outros, encontrou gente formada na Europa. A FRELIMO era dirigida por gente formada na Luta e ela tinha pessoas formadas na Europa, mas os principais quadros eram formados na Luta. O **Battisti** também tinha estado na Tanzânia e esteve nos escritórios da FRELIMO, conheceu os dirigentes da FRELIMO. Ele era também do Partido Socialista e mais tarde eu convidei-o para trabalhar comigo no Ministério dos Transportes depois da Independência. Ele trabalhava como economista e ficou em Moçambique praticamente até poucos anos atrás. Tinha meu amigo italiano, **Daniilo Gáspari** que era um intelectual camponês, também foi para Moçambique e só saiu para morrer em Trento. Foram estas grandes personalidades que mantive contacto e tive muita informação que me ajudou no aprendizado. Eu estava isolado porque a FRELIMO não me concedia nenhuma informação até essa altura, daí que eu ia sabendo por estes intermediários o que estava passando na FRELIMO.

Só consegui ir a Moçambique nas férias de 1968 desde que fui estudar na Itália. Após essas férias, consegui novamente após a minha formatura em [19]71. Toda minha experiência na Itália foi importante para mim pois quando cheguei na Itália, tive uma sensação de liberdade única. Foi na Itália em que me interessei pelos textos marxistas e pelos textos de análise africana, os poucos que apareciam naquela altura e também por uma educação republicana que eu não tinha tido. O período na Itália foi muito formador, pois aquilo que eu aprendi na Universidade na realidade foi muito menos daquilo que

eu aprendi fora dela. Por isso que tenho uma relação de Amor pela Itália e considero ela como minha segunda pátria. Senti-me numa situação libertária, a Universidade de Trento era um ovo de liberdade, isto é, uma ilha de liberdade dentro duma sociedade muito católica e fechada dentro daquela humanidade estudantil.

**P: Porquê a Itália e não a França, por exemplo?**

**JLC:** A França tinha e manteve um passado colonial forte e a guerra na Argélia era contra França. A Esquerda francesa bem como a portuguesa, estava um pouco limitada por essa tradição colonial enquanto que Itália teve uma aventura colonial ridícula, isto é, o colonialismo foi inventado por Mussolini e seu Império Colonial foi de curtíssima duração. O povo italiano não tinha nenhum orgulho no Império, porque cada derrota tinha mostrado como seu Império era frágil e por isso, era visto como um factor negativo para a Própria Nação Italiana. Itália tinha uma situação geoestratégica muito peculiar como disse-me um dia o Ministro das Relações Exteriores, Giulio Andreotti, *“a Itália é um País pequeno mais é a maior potência do Mediterrâneo e o Mediterrâneo, é o Mar mais importante do Mundo porque liga a Europa do Leste, Ásia e a África”*. Como pode-se ver, a Itália desempenhou um papel muito importante na Geopolítica Mundial.

Além do mais, Giulio Andreotti ganhou papel de liderança nas relações com Médio-Oriente, Norte de África e países socialistas. A Itália era mais livre e menos preconceituosos do que o resto da Europa, por isso foi um interlocutor aberto para novas realidades. Nos anos 70 estava decorrendo na Itália um projecto designado de Compromisso Histórico que foi uma aliança dos dois grandes partidos italianos, a Democracia Cristã e o Partido Comunista Italiano que juntos tinham mais de 60% dos votos do quadro político italiano. Esta aliança colocou a questão do Terceiro Mundo como prioritária por isso que conseguiu mobilizar a juventude, forças católicas progressistas e outros sectores além da esquerda tradicional. Através disso, criou-se uma fase de consenso activo e passivo de forças políticas a favor dos ideais dos movimentos de

libertação. O estado italiano não concedia armas, mas fornecia apoio em acordos de solidariedade, é neste contexto que as forças progressistas italianas organizaram na cidade de Roma em Junho de 1970, a Conferência Internacional de Solidariedade com os Povos das Colónias Portuguesas. Todos partidos estiveram presentes com as suas organizações oficiais ou juvenis.

O grande coordenador da Conferência de [19]70 por parte dos movimentos de libertação, foi Óscar Monteiro que na altura vinha da Argélia e foi para Roma na organização. Nas vésperas da Conferência, Óscar precisava de ajuda e telefonou-me a dizer “*José Luís vem a Roma com a sua esposa, preciso de ajuda para várias coisas*”. Foi uma oportunidade fantástica pois conheci Amílcar Cabral, Dina Forti e outros militantes da FRELIMO que não conhecia, como Guebuza, Guedes, Sérgio Vieira, etc. Senti-me parte da organização, depois novamente isolado pois estava cheio de PIDES e uma vez que falava muito bem italiano, não tive nenhum incómodo. Lembro que em [19]76 a região de Reggio-Emilia criou um pacto de solidariedade com ANC da África do Sul e pediu que FRELIMO apadrinhasse este pacto. O Presidente Samora mandou Alcínio de Abreu que era Secretário-adjunto da OMM, a esposa de Aquino de Bragança na altura<sup>1</sup>, que era um personagem interessante da nossa história e a mim, que fosse representar a FRELIMO junto do ANC. Foi daí que conheci Oliver Thambo, ficámos muito próximos e sempre que nos encontrávamos, falávamos em italiano.

A Igreja Católica foi muito forte no apoio, os movimentos católicos progressistas estiveram muito fortes, a Democracia Cristã deixou-os tomar um papel importante nesta Conferência. Os católicos progressistas tinham uma senhora que era considerada como uma expoente dos progressistas chamada Marcela Glicenti que era Directora duma Livraria chamada *Paesi Nuovi* (Novos Países). Toda gente frequentava *Paesi Nuovi* para sessões de debates e interações sociais, Marcela Glicenti conseguiu fazer um *Lobby* de um encontro com do Papa Paulo VI e dos dirigentes dos três movimentos após a Conferência

---

<sup>1</sup> Aquino de Bragança foi casado com Mariana Bragança que faleceu em 1979, depois de uma batalha contra o cancro. O seu segundo casamento, foi com a pintora e pedagoga Sílvia do Rosário da Silveira em 1984 até a sua morte trágica na queda do avião presidencial em 1986, em Mbuzini-África do Sul.

de Roma. Após a confirmação do encontro, Amílcar Cabral acabou dizendo “*a nossa luta renasceu hoje*”. Ele disse isso porque entendeu que este encontro abriria uma janela que não era possível. Oficialmente, os Ministros italianos não podiam apoiar os movimentos de libertação, mas os partidos em que eles pertenciam apoiavam.

Então foi uma situação realmente conjuntural que deu a Itália esse papel de vanguarda e quando alcançamos a Independência, veio a Moçambique um embaixador jovem brilhante e inovativo, Cláudio Moreno que fez um trabalho extraordinário de simpatia, compreensão das necessidades de um País que estava nascendo. Cláudio Moreno compreendeu que Moçambique não queria ser satélite de ninguém e ele fez os possíveis para evitar uma dependência por isso promoveu muito a Cooperação Italiana e acabou por pagar isso com anos de prisão. Depois de 05 anos de prisão, foi reabilitado completamente com todas honras e depois aposentou. No entanto, foi Moreno quem criou condições estruturais e institucionais para trazer a Liga das Cooperativas, Organizações Não Governamentais e acima de tudo, criou um quadro de Cooperação Oficial entre Moçambique e Itália.

**P: Porquê a Itália foi um dos primeiros países capitalistas a estabelecer uma Cooperação directa com Moçambique?**

**JLC:** Há muitos factores que fazem da Itália um caso especial no coração da NATO, um deles está ligado ao facto da Esquerda Italiana ser muito elaborada e com intelectuais muito atentos. Esta ainda teve uma grande capacidade de estabelecer uma identidade entre a guerra da Argélia e a dos *Partigianis* de [19]45. O movimento dos *Partigianis* era muito forte politicamente mais do que a Liga das Cooperativas e tinha uma ligação com a descolonização representada no primeiro momento pela Argélia e também, a libertação do Terceiro Mundo. O pensamento da Esquerda Italiana admitia naquele tempo poderia apoiar na libertação do Terceiro Mundo a partir da Argélia e também a libertação da Europa dos resquícios do Nazi-Fascismo.

Falando ainda desta conjuntura favorável, existiu um personagem muito extraordinário, o Giuseppe Soncini, um antigo *Partigiani* militante do Partido Comunista em Reggio-Emilia. Soncini era Director do *Arcispedale* de Santa Maria Major de Reggio-Emilia que era uma grande Hospital na altura. Na Conferência de 1970 em Roma por exemplo, convidou a delegação da FRELIMO para que fosse a Reggio-Emilia depois do evento porque queria apresentar uma proposta de Gemilagem, Irmandade e Fraternidade entre o Hospital de Reggio-Emilia e o nosso Hospital de Guerra em Cabo Delgado. Marcelino dos Santos e Óscar Monteiro foram, tiveram conversações com Soncini e dali saiu a organização duma Conferência de Solidariedade com Moçambique para 1972. Através desta Gemilagem, Reggio-Emilia criou uma cota para feridos de guerra e moçambicanos puderem ser tratados na Itália, com direito a Próteses, etc. Foi de tal maneira importante o movimento de Reggio-Emilia, que se você chegasse a Cabo Delgado na altura da independência e perguntasse sobre a Capital da Itália, respondiam “*é Reggio-Emilia!*”.

**P: Durante o Governo de Transição, que funções desempenhou? Houve alguma participação italiana nesse processo?**

**JLC:** Eu fui nomeado Subsecretário de Estado do Trabalho no Ministério de Trabalho na era do Ministro Mariano Matsinhe pois eu tinha conhecimento das Leis de Trabalho. Nesse cargo, fui testemunha duma situação absolutamente extraordinária, certo dia apareceu um cidadão queixando-se de que ele trabalhava numa propriedade, uns 150 km de Maputo e que o gado estava morrendo e não sabia a razão disso. Fui lá um outro militante da FRELIMO conhecido como Magaia que anos depois, tornou-se Embaixador na Swazilândia. Magaia era veterinário e um quadro do Ministério na era colonial e chegados lá, encontramos cerca de 40 bois mortos. Após uma rápida verificação, concluiu-se que havia sido um envenenamento que estava acabando com o gado, pois o gerente da propriedade era um português, que havia saído pela manhã alegando que ia a Lourenço Marques (Maputo) tratar alguns assuntos.

Antes da sua saída, preparou um banho anti-caraças para o gado e deu ordens que seus trabalhadores usassem o medicamento para o gado. O que os trabalhadores não sabiam é que aquele medicamento estava envenenado e quando foi-se a procura dele, descobriu-se que ele havia embarcado para Portugal naquele dia. Claramente que aquilo foi um acto de sabotagem e o Magaia fez o que podia para ver se salvava alguns que haviam tomado o banho daquele veneno. Por outro lado, os trabalhadores haviam suspendido o banho, razão pela qual nem todo gado recebeu o veneno sendo que até aquele momento que estivemos no local, contabilizava-se 60 bois mortos. De modo a evitar que a população consumisse aquela carne, fizemos uma fogueira onde queimamos todos aqueles cadáveres e o cheiro era indescritível.

Nesse período também auxiliei o Ministro da Informação Óscar Monteiro devido ao esgotamento que teve nesse tempo devido as inúmeras actividades que estava envolvido. Óscar Monteiro começou a ficar muito doente e o sujeito a um stress muito grande daí que foi dado um período de um mês em Dar-es-Salaam. Chissano como Primeiro-Ministro, nomeou-me para substituir Óscar Monteiro na sua ausência. Na sua volta, Óscar pediu para que não voltasse ao Ministério do Trabalho e falou com eles de modo que eu ficasse com ele. Passado um mês, saiu novamente, foi-se tratar numa clínica na Europa e então eu fiquei Ministro da Informação substituto, Chissano falou comigo dizendo, *“olha, não vale a pena nomear-te porque daqui há seis meses o Governo de Transição acaba. Não vale a pena agora, fazer uma portaria nomeando você como Ministro. Fique como Ministro da Informação Substituto por um despacho meu simplesmente”*. Foi assim que fiquei Ministro da Informação Substituto até Junho de [19]75, altura da Proclamação da Independência.

Por ser uma época de transição, foi fundamental a formação e substituição de quadros, reajustamento de estruturas de um governo colonial para um governo independente. Portanto, nesse período, não tive nenhuma relação especial com a Itália, apenas uns jornalistas italianos vinham para falar comigo visto que eu falava italiano. Basicamente, tive uma relação amistosa isso sim, mas nenhum projecto conjunto de Desenvolvimento

e Cooperação com a Itália. Em Junho de 1975, chegou a Independência e eu fui para Ministro dos Transportes e Comunicação.

**P: No pós-independência foi Ministro dos Transportes e Comunicação (1975-1980) e foi nomeado como principal pessoa de ligação entre Moçambique e Itália. Em outras entrevistas terá avançado que tem muitas histórias desse período, pode mencionar algumas?**

#### **I. A História da Visita Presidencial de Samora Machel ao Vaticano**

JLC: O principal interlocutor do governo italiano sempre foi o Ministério das Relações Exteriores e eu fiz umas tarefas não oficiais que não comprometiam o Ministério. Tive muitas histórias, algumas muito engraçadas e outras não, uma que julgo ser importante foi, a forma como conseguimos estabelecer ligação para organizar a visita do Samora ao Vaticano. Samora tinha estado na Itália numa dessas vezes e não foi ao Vaticano, no seu regresso a Moçambique, os Bispos moçambicanos certamente por incumbência do Vaticano mesmo, num encontro com Samora disseram *“Presidente, todos católicos conflituaram porque foi a Roma e não foi ver o Papa”*. E Samora disse *“pertença a uma cultura africana e na minha cultura você não vai a casa duma pessoa se não for convidado. Portanto, ninguém me convidou e ninguém falou disso e não fui. Mas eu tenho muito prazer em convidar o Papa a vir a Moçambique a qualquer momento”*.

A tradição do Vaticano é que o Papa nunca convida ninguém para o visitar, as pessoas pedem audiência ao Papa e ele concede. Não me parece que isso seja uma posição diplomática, mas, entretanto, Samora falou comigo e disse *“fala com os teus amigos padres da comunidade de Sant’Egídio, vê-la como é que é possível fazer isso”*. Entrei em contacto com um amigo meu que hoje é um personagem muito importante do Vaticano e pensamos os dois sobre isso. Quando Samora foi aos EUA e depois a Londres, apareceu um convite do Primeiro-Ministro Italiano para que ele passasse por Roma. Eu estava em Maputo e recebi uma chamada do estado de Nova Iorque que dizia, *“o Presidente vai sair amanhã para*

*Londres e depois de amanhã vai para Roma. Como está essa coisa do Papa? Veja lá se consegue alguma coisa*". Eu desliguei porque em Moçambique era noite, nos EUA ainda era dia e daí telefonei para Roma, percebi que o governo italiano estava interessado que o nosso governo visse o Papa.

Conversava com as autoridades de Roma e concluimos o seguinte, *"nós escrevemos uma carta ao Vaticano que o Presidente Samora está em viagem de um dia em Roma e que nesse dia, queria saber se estaria disponível para se encontrar com o Papa. E numa hora marcada pelo Vaticano"*. Eles responderam que o Papa tomou conhecimento da visita e que estava disponível para se encontrar com o Presidente. Então, nós organizamos a hora, o encontro realizou-se, não houve um pedido formal de audiência e nem houve um convite oficial do Papa para Samora visitá-lo. Houve uma mútua disponibilidade para se encontrarem e eles se encontraram, essa é uma história muito engraçada que pouca gente conhece. Nessa visita eu viajei toda noite para estar em Roma quando o Presidente chegasse de Londres, fui para o hotel, tinha um pouco de tempo e estava muito cansado, informei a delegação que ia dormir.

Chegou a hora, o meu despertador tocou, fiz banho e vesti-me, desci a espera de me encontrar com a delegação, soube que o Presidente Samora esteve lá entediado e quis dar uma volta a Roma antes de ir ao Aeroporto Militar. Meu passaporte estava com a delegação, eu tinha um pouco de dinheiro no bolso, comprei ali umas liras italianas com os poucos dólares que tinha e apanhei um daqueles velhos táxis romanos. Pedi que ele me levasse ao Aeroporto Ciampino que era um Aeroporto Militar onde de manhã tinha estado a receber o Samora e onde estava o avião presidencial. Chegado a Ciampino, me identifiquei ao militar que estava dizendo, *"olha, eu sou Ministro da delegação moçambicana e o Presidente está ali a minha espera"*. Ele não acreditava em mim, eu lembrava-me do nome do General que era o Director do Aeroporto que me tinha recebido de manhã e pedi que ligasse para ele informando que o Cabaço estava no local. Puseram General na linha, eu vi ele a ficar todo em sentido e respondendo, *"sim meu General"* e o General começou berrando, *"deixa ele passar o que é isso? Ele não disse que era Ministro?"*. O militar respondeu,

*“disse-me é Ministro. Sim meu general apareceu-me uma delegação africana e um branco que diz ser Ministro de Moçambique (Risos). Veio num táxi velhíssimo, fala italiano melhor do que eu, como eu ia acreditar que ele era Ministro de Moçambique (Risos)?”*. Então foi uma das histórias mais interessantes que eu tive lá na Itália.

## **II. A História do Padre Militante da RENAMO**

Uma outra história mais séria, foi a de um Padre Italiano dos Cappuchinhos de Trento que estava, em Milange, na Zambézia e que havia sido preso porque a Polícia Secreta Moçambicana descobriu que estava ligado a RENAMO. A Polícia descobriu que o Padre tinha posto dinheiro da RENAMO na parede da capela pois ele era militante, nós estávamos numa situação de guerra e de ponto de seguimento da lei, ele era um traidor. Isto deu um problema muito grande porque na Itália as forças de resistência pacífica não existiam mais e havia uma vontade dos sectores reaccionários em fazer dos *lobbies* contra FRELIMO. O Ministro das Relações Exteriores da Itália, Giulio Andreotti mandou alguns embaixadores para falar com os embaixadores moçambicanos de modo que se ultrapassasse está situação. Chissano era muito competente por isso que percebeu que essas manobras dos encontros com os embaixadores era exactamente para evitar que o Ministério dos Negócios Estrangeiros moçambicano também entrasse na polémica. Caso não fosse desse jeito, a situação avançaria para questão de Estado contra Estado, onde um defenderia o Padre e outro, a atacaria o Padre.

Por isso que os dois Ministérios não se corresponderam sobre este assunto, então Chissano me chamou e disse, *“vá já a Roma falar com Andreotti”*. Falei com Mário Raffaelli que era o adjunto de Andreotti naquela altura e eu fui a Roma falar com o Ministro numa reunião absolutamente maluca porque foi às 07h da manhã. O Ministro levou um dossier que continha documentos todos assinados onde tinha uma carta do Padre confessando a sua militância na RENAMO. Acabei dizendo que por meio dessa carta, ele saiu do estatuto de suspeito para um nível de réu confesso e ele apenas disse uma frase que não

me esqueço, “Ministro, por vezes aprender a ler e a escrever não foram uma Graça de Deus (risos na sala)”. O Ministro não queria falar mais sobre esse assunto por isso que acabamos falando sobre a situação na África Austral. Após a conversa, disse que falaria com Padre Kesler, líder dos Cappuchinos de Trento que era irmão do Presidente da Província de Trento de modo que voltasse comigo a Moçambique no mesmo voo. Chegados a Moçambique, fizemos uma negociação interna e expulsamos o padre sem escândalo, assim ficou resolvida a crise. É muito interessante como a diplomacia funcionou em toda esta coisa e o meu papel era esse, falar com Andreotti como um enviado Especial que foi lá tratar do assunto.

### III. A História do Outro Padre Cappuchinho de Assiz

Outra história que talvez seja interessante num certo momento apareceu em Moçambique um Padre e eu fui chamado por Samora e disse “olha, está aí um padre Cappuchinho de Assiz que veio cá por conversações com a RENAMO, eu quero que tu estejas com ele aí e perceba o que é que ele quer exactamente”. Levei ele pelo carro, fui dar uma volta pela cidade e perto da praia havia acontecido um atentado bombista através duma mina que feriu uma criança. Na conversa que tive com ele, percebi que era um enviado não do Dhlakama mas do Lobby português porque ele sempre me falava de Evo Fernandes. O padre trazia um convite para passar 15 dias em Assiz e que por sua vez a RENAMO mandaria Evo Fernandes que na altura era Secretário-Geral. Segundo ele, nesses 15 dias, estaríamos comendo e dormindo no mesmo local de modo a chegar a uma plataforma de conversa para o fim da Guerra.

Eu disse, “olha, a plataforma de conversa não é com essa gente, mas com os moçambicanos que estão lá, a conversa é com os guerrilheiros, aqueles que estão no terreno. Essa gente aí é que está a envenenar todo este processo”. Eu recusei e depois fui falar com Presidente Samora que me deu todo apoio. Mais tarde, soube que era uma operação telecomandada pelo Bispo de Braga que tinha sido Bispo de Moçambique, era um reaccionário notável e que tinha

pensado nessa estratégia para que os portugueses tivessem um papel dentro da RENAMO.

#### IV. História da Morte de dois trabalhadores italianos

Tenho várias histórias humorísticas e outras trágicas como por exemplo, o ano em que a RENAMO matou dois trabalhadores italianos numa Barragem e eu fui a Roma numa Missão do Governo e acabei por desejar passar da casa das vítimas. Acabei telefonando para Maputo perguntando, *“posso ir visitar a família dos mortos, dar a condolência do governo?”*. A resposta foi afirmativa e fui visitar as duas famílias, na primeira família fui bem recebido, apresentei as condolências. Essa situação não se verificou na segunda e dois fenómenos concorreram para esse impacto nesta família. Primeiro, a vítima tinha um irmão gémeo e foi ele quem me recebeu após o grande susto que tive, pensando que estava diante do morto (Risos). O segundo facto foi que eu descobri que os Pais eram colonos fascistas vindos da Líbia. Daí que o diálogo foi impossível, então eu decidi apenas ouvir e me calar, não argumentei nada e até o próprio filho que me abriu a porta, reaccionário fascista também, ficou incomodadíssimo. Chegou um dado momento que eu disse, *“já deixei a mensagem do meu governo, o que tinha que fazer, fiz”*.

**P: Uma referência essencial citada por si foi a importância da aproximação ao Vaticano. Como foi esse processo. Que factos quer salientar da sua acção em relação a este tema?**

JLC: Em [19]77 houve uma grande seca em Tete e fui informado que Itália tinha mandando três aviões militares cargueiros com ajuda alimentar para lá. O avião foi enviado por Andreotti e este, vinha com um Jovem Padre, o Matteo Zuppi que era da Comunidade de Sant’Egídio. O padre trazia cartas de Andreotti para as autoridades moçambicanas, Danilo Gaspari que era meu amigo me telefonou e dizendo, *“Luís, amanhã o Padre Dom Matteo vem jantar aqui a casa, por que é tu não vens?”*. Respondi afirmativamente, fui lá jantar e assim, surgiu uma simpatia que se se transformou em

amizade. Me lembro que meses depois, fui a Itália e me comuniquei com Dom Matteo que por sua vez, levou-me para a Comunidade no Bairro de Trastevere em Sant'Egídio. A Comunidade tinha organizado um encontro com 300 jovens da Comunidade, numa faixa etária dos 20 a 21 anos. Fiz uma palestra improvisada com debates sobre Moçambique e foi ótimo porque tanto Matteo assim como o Riccardi (Presidente da Comunidade de Sant'Egídio) queria eliminar alguns preconceitos que existiam naquele local sobre Marxismo. Naquela visita, acabei ficando em casa de um próximo da Comunidade, o Pároco da Paróquia de Sant'Egídio de Trastevere, o **Vicenzo Palha** que hoje é Bispo e Professor de História que era um homem bastante influente. Apercebi-me que era importante porque chegou a levar-me ao Vaticano, quando chegamos os guardas punham-se em sentidos sempre que ele passava. Nessas conversas informais, Andrea Riccardi, **Vicenzo Palha** e Matteo Zuppi perguntaram-me a razão de não ter me encontrado ainda com o Cardeal **Silvestrini** que era um Ministro do Estado de Vaticano.

Eu acabei dizendo que para que isso acontecesse, era necessária uma autorização de Maputo e que devido a burocracia, a autorização levaria tempo. Mas eles acabaram arranjando um encontro informal num jantar na mesma Comunidade. Nesse jantar, estiveram todos dirigentes da Comunidade e o **Silvestrini** onde por mais de duas horas, estivemos a falar de vários assuntos que incluíam Samora Machel. **Silvestrini** era encarregado das Relações Exteriores do Vaticano, era um homem notável e muito inteligente, a partir daí foi construído um diálogo sempre ajudado pela Comunidade de Sant'Egídio e paralelamente com o Ministério das Relações Exteriores. Foi por meio deles que foi aparecendo a ideia de ter uma intermediação do Processo de Paz e eles pagaram um jantar num restaurante onde me encontrei com o Bispo da Beira naquela altura, que era muito a favor da RENAMO. Ele estava fazendo *Lobby* pela RENAMO no Vaticano e a conversa foi tão boa que acabamos nos tornando amigos até a sua morte. Eu acompanhei a formação da ideia dos Acordos de Paz mesmo não estando por dentro das Conversações, mas me apercebi que os contatos sempre iam crescendo. A minha

participação neste processo foi de estabelecer alicerces sobre os quais houve iniciativas e avanços da comunidade de Sant'Egídio.

Eu tinha uma relação privilegiada com a Comunidade de Sant'Egídio, já me encontrei com o Papa quatro vezes onde duas vezes fui ao Vaticano levando mensagens de Samora, uma vez quando Samora e eu, estivemos no Vaticano e a quarta vez, quando o Papa veio a Moçambique. Quando o Papa veio a Moçambique, foi a Convite dos Bispos e o Governo apoiou, dando uma cobertura institucional. Daí que criou-se duas Comissões, (i) Comissão Religiosa que encarregava-se do programa do Papa e (ii) a Comissão Organizativa que superintendia a parte do Governo. Essa superintendência era feita pelo Ministério das Relações Exteriores na era de Pascoal Mocumbi e eu, fui nomeado seu Executivo para esse todo trabalho da organização desta visita. Com o trabalho harmônico das duas Comissões, foi possível fazer esse trabalho e tive neste momento, contatos com Padres e alguns italianos. É importante ressaltar que mesmo sendo ateu, aprendi muito na minha relação com o Vaticano e que eles são movidos por uma filosofia de vida incrível.

**P: Como caracteriza a sua relação com Mário Raffaelli e a importância dele nessas relações com a Itália?**

**JLC:** Conheci Mário Raffaelli nos meus tempos de estudante em Trento, não éramos amigos mas conhecíamos. Ele era Secretário da Juventude do Partido Socialista, trabalhava com estudantes na altura mesmo sem ter um Curso Superior. Quando ele se tornou Secretário do Estado, conversou comigo e foi me apresentar ao seu grupo político do partido do qual fazia parte o Cláudio Moreno. Ele tinha missões políticas legítimas porque ele tinha uma capacidade para isso, isto é, uma capacidade muito dinâmica nas questões do Acordo de Paz e sempre procurou o governo, que o governo estivesse oficialmente, nunca deixou que o Acordo de Paz estivesse nas mãos da Igreja. Algumas vezes veio a Moçambique para discutir alguns aspectos e eu recorde-me que uma vez

apareceu assim de improviso. Ele acabou por ficar na casa de hóspedes do Banco Central e ele pediu-me para falar com o presidente Chissano que acabou por recebê-lo a tempo de ele pegar o avião e voltar a Roma. Ele ganhou confiança tanto da RENAMO como da FRELIMO, conseguiu defender a RENAMO tanto da FRELIMO e a FRELIMO tanto da RENAMO, isso foi uma coisa muito inteligente da parte dele.

**A Itália continuou mantendo contatos com Moçambique após a Independência, cooperando em diversos sectores. Chegou a receber diversos donativos da Itália e os mesmos chegavam em Navios de Solidariedade. Pedimos mais detalhes sobre isso.**

JLC: Depois da Independência, houve três níveis de Cooperação: (i) acção do Estado com o Estado baseado em grandes projectos de construção das barragens com financiamento do Governo Italiano; (ii) continuidade da Cooperação Política, Humanitária e Económica do Projecto de Reggio-Emília que foi extensivo depois a Liga das Cooperativas e (iii) a própria Liga das Cooperativas que apareceram como uma entidade com qualidade económica e técnica para intervenção nos Planos de Desenvolvimento. No entanto, Reggio-Emília manteve Cooperação humanitária e política onde organizou no ano [19]78, o Navio de Solidariedade, primeiro Navio de Solidariedade que era solidariedade com Zimbabwe e solidariedade com Pemba. Reggio-Emília continuou considerando acordos de solidariedade com o Hospital de Cabo Delgado, daí que houve acordos entre os Municípios de Reggio-Emilia e de Pemba (Capital de Cabo Delgado). Através desse processo de Cooperação, organizou-se um Navio de Solidariedade dos quais a parte política estava ligada ao apoio do movimento de libertação de Zimbabwe que era ZANU. O Navio chegou a Maputo e continha uma carga tanto para nós assim como para ZANU. A nossa carga foi deixada em Pemba mas a recepção do Navio aconteceu em Maputo juntamente com os Zimbabwianos.

Na altura, eu era Ministro dos Transportes e trabalhava directamente com o apoio a libertação de Zimbabwe por isso que estive na recepção deste Navio. Depois disso, houve um segundo Navio de Solidariedade em [19]86 (se não estou em erro) mais sofisticado com Pemba. Ai, o Presidente Samora mandou-me a Pemba para recebê-lo em nome do Governo, o mais curioso é que chegou no dia do meu aniversário, fazia 55 anos e fizemos uma grande festa. Houve o que chamou-se de *Manipolita* que foi uma suspeita geral de Corrupção na Cooperação e basicamente, tudo que envolvia esse processo ficou suspenso. Então, este Navio de Solidariedade cumpriu a sua tarefa, mas não teve continuidade porque foi posta em causa pela auditoria, ninguém foi preso mas desmobilizou-se toda esta operação. A minha participação na Cooperação Política centrou-se fundamentalmente na continuidade do projecto de Cabo Delgado.

**P: No período em que foi Ministro da Informação (1980-1986), que papel teve a Itália na construção da TV Experimental em Moçambique e será que teve alguma ligação sua com a construção do Centro de Formação Fotográfica?**

**JLC:** Quando eu fui ao Ministério de Informação, recebi incumbência do governo em começar a estudar a possibilidade duma Televisão de Moçambique. Esta missão estava ligada com o simples facto de ter participado na qualidade de Ministro dos Transportes numa feira da FACIM onde uma empresa Italiana que trabalhava na produção de Televisores e que detinha uma estação televisiva quis transmitir a todo evento na TV. Esta empresa produzia Televisores da marca **Voxon** e fez uma oferta ao Estado em mais de 100 Televisores para que fossem colocados em lugares públicos de modo a receberem essa emissão de sinal. Acabei entrando nisso porque as frequências das rádios tinham de ser aprovadas pelo Ministério dos Transportes e Comunicações e nesse processo, descobrimos que ainda que os portugueses não tivessem feito uma Televisão em Moçambique, tinham reservado uma frequência Televisiva para Província de Cabo Delgado.

Efectivamente que era uma ideia dos militares porque era uma frequência encostada a frequência sul-africana, daí que tivemos de renegociar uma nova frequência para que transmitíssemos isso. Assim foi, a FACIM por durar 15 dias, este programa televisivo também durou esses dias, no entanto despertou um entusiasmo na População e nos Dirigentes que houve uma decisão de prorrogar por mais um mês a estação. Os italianos concordaram com isso e tivemos mais um mês de Televisão, e eles pediram que o material da estação ficasse a proteção provisória do Governo. Isso foi no início de 1980 porque em Março do mesmo ano, fui para o Ministério de Informação e Samora disse-me, *“vai lá ver essa coisa de Televisão, Tu estás encarregado de montar uma Televisão”*. Peguei aquele equipamento e negocieei com os italianos, não só a compra deste, mas também a vinda de técnicos italianos para pôr equipamento a funcionar. Não tínhamos nenhuma experiência por isso levei técnicos da Rádio Difusão para aprender alguns aspectos de Televisão, e alguns do Instituto Nacional de Cinema para Câmara Man, etc.

Assim nasceu um Escola de Televisão que produzia material para as noites dos sábados usando os tais Televisores colectivos para População. Soube dum português que tinha um projecto de umas 200 Televisões e convenci a trazer 300 Televisores de Portugal que se destinaram a população nos bairros, hospitais, quartéis e a alguns Ministros. Lembro duma vez que este projecto inicial de formação foi pressionado pelo Presidente Samora a cobrir a chegada do Primeiro-Ministro do Cabo Verde numa dada quarta-feira. O chefe da Escola fez a cobertura e a edição especial da tal noite com essa notícia. Isso foi uma grande revolução na altura porque foi possível ver na Televisão o que decorreu três horas antes de tal maneira que os Ministros solicitavam a presença da equipe televisiva nas suas reuniões e algumas não começavam sem a presença destes que faziam o registro do momento. Foi fundamental o apoio dos italianos do ponto de vista técnico. Devido ao orçamento baixo que dispúnhamos na altura, as sessões começaram por ser exibidas uma vez por semana, aos Sábados e quanto mais entusiasmo da População, fomos aumentando para duas vezes por semana (Sábados e Domingos), depois evoluímos para quatro vezes (Sábados, Domingos, Terças e Quintas-feiras).

Depois de eu ter saído da Pasta de Ministro é que se fez uma Televisão Nacional, mas o arranque foi no meu período. No entanto, houve um outro projecto relacionado com os italianos, o Centro de Formação Fotográfica que iniciou basicamente com a chegada de um fotógrafo italiano, o **Edoardo Pelegrini**. Este, era um intelectual que escrevia livros sobre América que conheceu Ricardo Rangel e ficou entusiasmado com seu trabalho, assim surgiu a ideia do Centro Fotográfico como um Arquivo Nacional de Fotografias. Eu apoiei esse projecto com todo entusiasmo, fiz *Lobbies* na Itália e tivemos financiamentos. Houve uma relação entre o Centro e o Instituto Nacional de Cinema que naquele momento estava num processo intenso de revolução na produção de conteúdo. Passou-se a produzir um Jornal Noticioso Cinematográfico que conseguia cobrir todas as Províncias, onde não havia Televisão, assistia-se o *Kuxa-Kanema*. Infelizmente o Incêndio do Instituto acabou com o entusiasmo e hoje, o Cinema está nas mãos do sector privado que por sua vez, encontra-se na era do Cinema pré-financiado pelas Embaixadas e outras Organizações Internacionais.

**P: Em 1994 quando estive nas Nações Unidas como Oficial de Informação Pública. Em que contexto decorreu este processo e que dificuldades enfrentou?**

**JLC:** Depois dos Acordos de Roma, a Organização das Nações Unidas (ONU), constituíram uma Missão de Paz que se chamava ONUMOZ (ONUMOZAMBIQUE) e confiou a sua Direcção a um diplomata italiano que tinha trabalhado muito no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) mas não era um burocrata de carreira nas Nações Unidas. Ajello era um político do Partido Socialista radical que veio com uma abertura completamente diferente daquilo que são normalmente as missões das Nações Unidas, chefiadas por burocratas e regulamentos. Eu conheci Aldo Ajello na festa de Independência e várias vezes nos encontramos para conversas, tínhamos uma boa relação. Por diversas vezes pediu-me conselhos sobre alguns aspectos da sociedade moçambicana e fui ajudando no que eu podia de modo que o processo de Paz tivesse sucesso. Antes de mim, Ajello teve um Oficial de Informação insensível aos problemas e

que devido a sua veia burocrática, criava vários conflitos do que resolvia. Então, ele veio falar comigo me propôs um contrato para esse cargo. Nesse período, eu trabalhava por conta própria e livre de missões oficiais governamentais, daí que eu disse-lhe *“olha sou membro do Comité Central da FRELIMO e ex-Ministro do Governo, se as Nações Unidas me quiserem, eu estou disposto a fazer esse trabalho”*.

Passando um tempo, recebi um informe da minha aprovação para o cargo de Oficial de Informação Pública da ONUMOZ. Nesse cargo, tinha contacto direto com a Imprensa e recebia os comunicados do chefe, Aldo Ajello. Trabalhei nesse cargo por quase 01 ano e lembro que não tive nenhuma reclamação da FRELIMO e nem da RENAMO. Aldo Ajello teve um papel extremamente importante no sucesso do programa devido a dois factores principais: (i) ele criou uma relação de grande diálogo com as partes envolvidas incluindo a comunidade internacional e (ii) compreendeu que os tempos burocráticos não são os tempos africanos. Quando os burocratas de Nova Iorque pediam a resolução dum problema num período de três meses, ele não aceitava porque dizia que esse tempo era pouco para aplicar-se os termos africanos na solução de problemas. Foi assim que ele obtinha mais tempo para o amadurecimento e resolução dos conflitos que envolviam a manutenção da Paz em Moçambique.

**P: Houve evento importante e marcante a referenciar nesse período?**

**JLC:** Nesse período houve claramente alguns incidentes, a título de exemplo, com a criação da Comissão Nacional de Eleições (CNE) chefiada na altura por Brazão Mazula que havia sido dito para criar uma unanimidade entre as partes envolvidas em seis meses. Mazula pediu no mínimo um ano e seis meses e caso não aceitassem, deviam encontrar outro presidente. Com esse tempo, ele acabou fazendo algo genial e trabalhou muito sobre o aspecto humano, patriótico, etc. A primeira sessão da CNE foi interessante porque os da FRELIMO diziam algo e os da RENAMO contradiziam e vice-versa. Na Ata final dessa reunião, ele concluiu o seguinte *“a primeira reunião terminou com consenso de que não*

*havia consenso*". Isso foi genial e pouco a pouco, pedra por pedra foi construindo uma área de consenso e conseguiu ao fim de um ano e meio, dirigir as eleições com grande sucesso.

Muitos funcionários do alto escalão da ONUMOZ conheciam a minha história e vinham sempre em tons provocativos por causa do Samora, *"Samora foi uma pessoa autoritária, militar, que se impunha como um tirano e ditador"*. No dia da tomada de posse de Chissano após eleições de 1994, o evento decorreu na Praça da Independência, que era a praça dos grandes discursos de Samora. A equipe da Rádio Moçambique que era a que tratava dos altifalantes para medir a qualidade do som, pôs um discurso de Samora de modo a verificar a tonalidade de voz. Quando o discurso de Samora começou, estávamos a trabalhar e conseguíamos ouvir pois o edifício da ONUMOZ ficava ao lado da Praça da Independência. Muita gente do prédio começou correndo para as escadas e outros afluíam para Praça partindo da área comercial da baixa para ver e ouvir. Os funcionários da ONUMOZ estavam de boca aberta e acabei perguntando *"ditador? Vocês estão habituados a ver pessoas correndo para ouvir um ditador? Ele era um homem de carisma extraordinário, era autoritário sim, mas era um homem de carisma e era muito apreciado pelo povo"*. Nunca mais falaram sobre Samora ser ditador depois desse episódio. A conversa mudou radicalmente e nunca mais tive problemas nas Nações Unidas por causa disso.

**P: Que conclusões pode tirar do seu trajecto nas relações com a Itália (como Ministro e também pessoa singular)?**

**JLC:** A Itália está sempre presente nos meus afetos pessoais, meus colegas da Universidade e gente do mundo político. Como Ministro assim como turista, pois fui algumas vezes a Itália depois do Ministério e percebi uma coisa, os italianos amam compartilhar história das suas comunidades, vilas e cidades. Eles podem o fazer até num bar e até conhecem figuras estrangeiras importantes que passam por esses locais. É bem possível que nessas histórias, eles possam exagerar um pouco, como eles dizem *"inventar*

*é uma forma de cultivar a sua história".* Eles têm um sentido de identidade cultural e humanística incrível. A Itália deu-me amigos, desde os tempos da Universidade até a evolução no Governo e é importante dizer que alguns desses amigos vejo-os de 10 em 10 anos. Alguns nos encontramos 15 anos depois do último encontro e a conversa retoma a partir do ponto em que deixamos anteriormente. Mesmo depois de cada um ter seguido seu caminho, suas experiências, quando nos encontramos, a comunhão flui e isso deve-se a Itália.

Obrigado!!